

# Jovens sem-sem: efeitos de idade, período e coorte sobre as possibilidades de transição escola-trabalho no nordeste do Brasil no início do século XXI

## Neet youth: Age, period, and cohort effects on the feasibility of school-to-work transition in northeast Brazil at the beginning of the 21st century

Antonia Jaine da Silva Pereira

*jainerodrigues22@yahoo.com*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1295-6611>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Silvana Nunes de Queiroz

*silvana.queiroz@urca.br*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7295-3212>

Departamento de Economia, Universidade Regional do Cariri, Brasil.

Programa de pós-graduação em Economia Regional e Urbana,

Universidade Regional do Cariri, Brasil. Programa de pós-graduação em Demografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

### Resumo

Com a diversificação nos modos de realizar a transição à vida adulta é importante considerar, especialmente no Brasil, o papel das desigualdades estruturais, como também das dificuldades dos jovens no mercado de trabalho. Estas perduram e se agravam em certas conjunturas, afetando a transição escola-trabalho e configurando os “jovens sem estudo e sem trabalho”, que influenciam outras dimensões da transição. Nesse contexto, este artigo analisa a influência do mercado de trabalho, via taxa de desocupação, nas modalidades de transição escola-trabalho no Nordeste, focando nos “jovens sem-sem”. Utiliza-se o modelo Idade-Período-Coorte (APC) com Logito Multinomial, aplicado aos microdados da

### Palavras-chave

Transição escola-trabalho

Jovens sem-sem

Trabalho

Educação

Nordeste



PNAD e PNADC de 1993 a 2023. Encontrou-se que os jovens com menor rendimento e do rural têm maiores chances para integrar os sem-sem, apesar das chances crescentes para frequentar/permanecer na escola. A incerteza em sua construção biográfica é evidenciada pela relação direta entre a desocupação e as chances de integrar os sem-sem.

## Abstract

With the diversification of pathways to adulthood, it is important to consider, especially in Brazil, the role of structural inequalities as well as the challenges young people face in the labor market. These challenges persist and worsen in certain economic conditions, affecting the school-to-work transition and shaping the group of “youth outside both education and work”, which influences other dimensions of the transition. In this context, this article analyzes the influence of the labor market—through the unemployment rate—on school-to-work transition modalities in the Northeast, focusing on “NEET youth”. The study employs the Age-Period-Cohort (APC) model with Multinomial Logit, applied to microdata from PNAD and PNADC from 1993 to 2023. The findings indicate that young people with lower incomes and those from rural areas are more likely to become NEETs, despite the increasing odds of attending/remaining in school. The uncertainty in their biographical trajectories is highlighted by the direct relationship between unemployment and the risk of becoming NEET.

## Keywords

School-to-work  
Transition  
NEET Youth  
Work  
Education  
Northeast

Enviado: 24/03/25

Aceptado: 17/06/25

## Introdução

Os jovens sem-sem, mais comumente chamados “nem-nem”, são aqueles que se encontram sem estudo e sem trabalho (e em algumas metodologias não estão procurando por trabalho), geralmente com idade entre 15 e 29 anos. Diversas pesquisas sobre o tema mostram que há muita aproximação entre a condição e desigualdades como raça/cor, gênero e nível de renda (Cacciamali e Hirata, 2005; Camarano et al., 2006; Cardoso, 2013; Garcia et al., 2012; Pereira e Queiroz, 2023a, 2023b; Remy e Vaz, 2017; Rocha et al., 2020; Silva e Vaz, 2020; Sposito, 2003). São achados que corroboram com a ideia de que o termo ‘sem-sem’ pode definir melhor a condição em contextos como o do Brasil ou Nordeste, pois leva

a refletir sobre as possibilidades de acesso a oportunidades de estudo e trabalho diante dessas desigualdades, contudo, a denominação “nem-nem” permanece sendo mais utilizada (Rocha et al., 2020).

No contexto da transição para a vida adulta, que é o processo de aquisição dos papéis sociais esperados para a maioria, a condição está relacionada à transição escola-trabalho, referente a mudança nos status educacional e ocupacional. Trata-se das mudanças no âmbito socioeconômico, ao concluir ou encerrar os estudos/formação e ingressar na população economicamente ativa. No caso dos sem-sem a inatividade escolar une-se ao não ingresso no mercado de trabalho, sendo este último aspecto um elemento importante a considerar para entender esses jovens (Mascherini, 2019; Pereira e Queiroz, 2023a, 2023b; Rocha et al., 2020; Silva e Vaz, 2020).

Dentre as mudanças no processo de transição à vida adulta está o adiamento ou não realização de algumas transições, com a problematização de que alguns processos passam a extrapolar os limites etários usualmente definidos para a juventude (Camarano, Kanso e Mello, 2006). Isso pode ser entendido dentro de uma tendência de diversificação das juventudes, inclusive etária. O aumento nos anos dedicados ao estudo encontra explicação nas dificuldades crescentes para inserção no mercado de trabalho, mas não necessariamente reflete nessa inserção, o que favorece a extensão da dependência econômica que, por sua vez, pode adiar outros eventos (Camarano e Mello, 2006; Pochmann, 2007; Silva e Lehfeld, 2019).

O mercado de trabalho juvenil se caracteriza pelos níveis mais elevados de desemprego, informalidade, rotatividade, além de ser mais afetado por oscilações na oferta de trabalho em decorrência de flutuações econômicas (Bercovich, 2004; Corseuil e Franca, 2022). Foi justamente esse efeito que, na mudança do milênio, evidenciou os jovens em relação à adolescência e tornou mais claro que a vulnerabilidade e o risco muitas vezes se intensificam a partir da maioria (Abramo, 2005; Santos, Andrade e Macambira, 2016; Silva e Vaz, 2020). Junto ao baixo rendimento familiar que pode ser mais marcante em relação à outras desigualdades (Pereira e Queiroz, 2023a, 2023b; Vieira, 2009), essas dificuldades formam um contexto de incertezas que parece ter um papel na conformação de

modalidades com não-transições, como é o caso dos sem-sem, e por conseguinte na heterogeneidade no processo de transição para a vida adulta.

Baseando-se em uma categoria que surgiu justamente no intuito de ajudar a entender as vulnerabilidades juvenis quanto ao trabalho (Maspercherini, 2019), este artigo analisa os jovens sem-sem contextualizados nas mudanças na transição para a vida adulta na passagem do século XX para o XXI, a partir da identificação dos efeitos de idade, período e coorte sobre as modalidades de transição escola-trabalho. O objetivo é evidenciar se o mercado de trabalho, através do efeito de período, contribui para a configuração dessas modalidades de transição no Nordeste. Mesmo no Brasil, os estudos sobre juventude a partir da transição para a vida adulta são escassos (Mello, 2015; Sposito, 2003). Neste artigo, privilegia-se a análise dos jovens no Nordeste, pois falta estudar o tema por meio de uma abordagem demográfica focalizando a região, na qual permanecem sendo constatadas maiores vulnerabilidades em relação às demais no que tange as condições de inserção no mercado de trabalho (IBGE, 2023).

Para o alcance do objetivo proposto, a metodologia conta com a utilização dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013) e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC, 2018 e 2023), e do método Idade-Período-Coorte (APC, por suas siglas em inglês) combinado ao Logito Multinomial. O artigo contribui com uma perspectiva teórica e metodológica mais demográficas, ao discutir os jovens sem-sem contextualizados na transição para a vida adulta, com um método que considera as dimensões demográficas que interagem com o curso de vida. Além disso, amplia os conhecimentos sobre o tema na região Nordeste.

Segue-se a esta introdução uma seção metodológica, que apresenta os dados e métodos do artigo. A discussão dos resultados, em seguida, parte da análise geral quanto ao efeito das três dimensões demográficas sobre as modalidades de transição escola-trabalho, entre elas a dos jovens sem-sem, e prossegue com a análise dos resultados segundo o sexo, a raça/cor, a situação de domicílio e as faixas de rendimento domiciliar per capita.

## Metodologia

A principal fonte de dados neste artigo são os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), abrangendo os anos de 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013 com a PNAD, e 2018 e 2023 com a PNADC. A partir desses dados, a categoria de análise, que são os jovens sem-sem no Nordeste (Figura 1), é definida como os jovens com idade entre 15 e 34 anos, que não estão frequentando escola e encontram-se sem trabalho. De forma complementar são obtidas as demais modalidades de transição que se incluem na transição escola-trabalho (Estudo, Trabalho, Estudo e trabalho).

Figura 1. Mapa de localização-Nordeste.



Fonte: *Malhas digitais* (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística /IBGE).

Os estudos sobre juventudes geralmente consideram para análise o intervalo etário que vai dos 15 aos 29 anos, que também tem base legal (Estatuto da Juventude, Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013). No entanto, propõe-se a inclusão de mais um grupo etário quinquenal, em acordo com a literatura sobre transição para a vida adulta, em especial sobre a

transição escola-trabalho, e tendo em vista que o intervalo estendido já aparece em alguns trabalhos e pesquisas, para considerar os jovens adultos ou tardios. Os termos designam como objeto de estudo aqueles com idade entre 15 e 34/35 anos. O limite inferior é biologicamente determinado, ao passo que o limite superior, que é mais subjetivo, vai se ampliando com as mudanças no processo de transição, em especial o maior tempo de residência com os pais (Leccardi, 2005; Mello, 2015; Oliveira, Golher e Loureiro, 2016).

No processo de transição para a vida adulta, “mudanças aconteceram e foram numerosas [...]. A ordem dos eventos foi alterada dado, entre outros fatores, o incremento do tempo passado na escola” (Camarano, Kanso e Mello, 2006, p. 133). À essa maior escolarização dos jovens se contrapõe a dificuldade crescente de inserção no mercado de trabalho, onde o desemprego tem se tornado uma categoria estrutural e permanente para grandes contingentes populacionais, culminando, no caso dos jovens, no adiamento da formação de novas famílias e/ou no aumento do tempo de dependência econômica em relação aos pais. Nesse contexto, em que a não-linearidade e também reversibilidade passam a caracterizar as transições, contribuindo para sua extensão, o alongamento em alguns processos, como encerrar os estudos, estabelecer-se no mercado de trabalho ou estabelecer o próprio domicílio, extrapola os limites etários usualmente definidos para a juventude (Camarano e Mello, 2006; Camarano, Kanso e Mello, 2006; Leccardi, 2005; Sposito, 2005; Tavares, 2017).

As variáveis selecionadas para identificar se estavam estudando ou não se utilizaram do quesito geral de frequência à escola, que dentro do recorte etário adotado pode abranger o ensino regular, básico ou superior, pré-vestibular, supletivo, alfabetização ou educação de jovens e adultos, e mestrado ou doutorado. E para identificar o trabalho ou não, é utilizado um número maior de variáveis, com algumas divergências entre PNAD e PNADC. Entre as edições da PNAD anual, de 1993 a 2013, não há diferenças significativas quanto às perguntas. Estas, no entanto, incluem a produção para o próprio consumo e a construção para o próprio uso, que deixam de ser considerados como ocupados na PNADC (Vaz e Barreira, 2021). Assim, para aproximar as pesquisas quanto a esse aspecto, desconsiderou-se na PNAD os dois quesitos referentes a esse tipo de trabalho, na identificação dos jovens sem-sem.

O método utilizado é o Age-Period-Cohort (APC). Em linhas gerais, o método consiste em um modelo de regressão no qual a idade, o período e a coorte atuam como variáveis explicativas para o comportamento de uma determinada variável dependente. O papel de cada uma das três dimensões é representar conjuntos de outras variáveis, as quais compõem distintos processos causais com efeito sobre a questão de interesse (Diógenes, 2022; Fosse e Winship, 2019). Em outras palavras, o modelo representa o entendimento de que as mudanças sociais ao longo do tempo são multifacetadas, podendo ocorrer via três caminhos conceitualmente distintos: na medida em que os indivíduos envelhecem (idade), vivenciam determinado contexto (período) ou pertencem a diferentes coortes de nascimento (coorte) (Bell e Jones, 2014; Oliveira e Rios-Neto, 2004).

O método tem sido utilizado para analisar uma variedade de questões, mas apesar do longo histórico de aplicações e de discussão sobre o método, permanece sem solução definitiva o que convencionou-se chamar de problema de identificação, referente ao fato de haver dependência linear entre as três variáveis temporais do modelo (Bell e Jones, 2014; Diógenes, 2022; Fosse e Winship, 2019; Guimarães e Rios-Neto, 2011; Hajdu e Sik, 2019; Oliveira, 2005). Sendo a idade igual ao período menos a coorte de nascimento ( $a=p-c$ , ou ainda  $c=p-a$  ou  $p=a+c$ ), o efeito da idade será igual ao efeito conjunto de período e coorte, impossibilitando a atribuição da mudança observada a qualquer das variáveis temporais separadamente (Bell e Jones, 2014; Diógenes, 2022; Hajdu e Sik, 2019; Oliveira, 2005; Oliveira e Rios-Neto, 2004).

Muitas propostas de abordagem foram surgindo em função desse problema, mas nenhuma alcançou ampla aceitação, sempre marcadas por alguma desvantagem (Bell e Jones, 2014; Fosse e Winship, 2019). O consenso vai se estabelecendo no sentido de reconhecer que se trata de um problema relacionado a própria conceituação do modelo, de modo que não há saídas estatísticas ou técnicas que possam dirimi-lo. Entende-se que a aplicação do modelo, portanto, depende da fundamentação dada às suposições necessárias para adotar determinada abordagem, além da transparência quanto a essa dificuldade inerente ao modelo.

É usual que o modelo seja aplicado em diferentes configurações, partindo do modelo nulo (sem variáveis explicativas), e em seguida adicionando cada variável numa estratégia de avaliar comparativamente os ajustes

(Diógenes, 2022; Guimarães e Rios-Neto, 2011; Oliveira, 2005; Oliveira e Rios-Neto, 2004). Seguindo esse procedimento, passa-se pelos modelos parciais para chegar ao modelo principal, que no caso deste trabalho foi especificado a partir da abordagem de variável proxy (Proxy Variable), com a aplicação do modelo segundo sexo, raça/cor, situação de domicílio e faixas de rendimento, no intuito de observar a variação nos coeficientes.

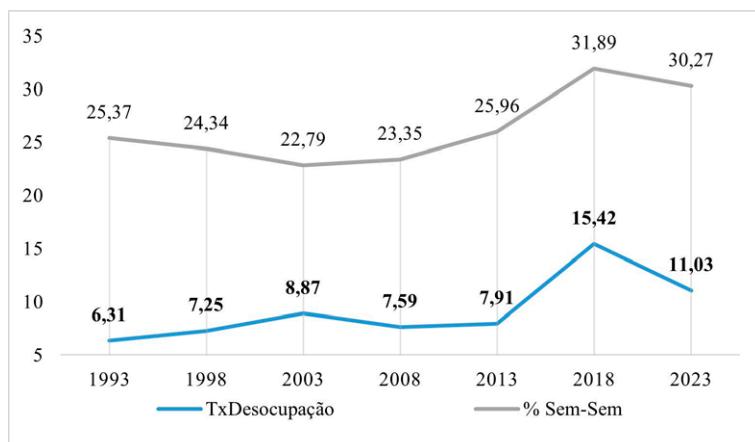
A estratégia da abordagem adotada é quebrar a linearidade perfeita entre as variáveis idade, período e coorte ao substituir uma delas por uma outra variável ou indicador. Implícitas à abordagem estão as suposições de que a proxy escolhida capta toda a influência da variável temporal substituída e não é influenciada pelas outras duas variáveis temporais, o que dificulta a escolha da variável substituta (Diógenes, 2022; Fosse e Winship, 2019; Oliveira e Rios-Neto, 2004).

No caso deste trabalho, será adotada a taxa de desocupação em substituição à variável período. O efeito de diferentes períodos, no contexto do método APC, se refere as mudanças sociais ao longo do tempo que ocorrem na medida em que os indivíduos vivenciam diferentes contextos (Bell e Jones, 2014). Assim, é um efeito que está associado às condições ambientais, das quais as flutuações econômicas são colocadas como o principal exemplo (Diógenes, 2022; Oliveira e Rios-Neto, 2004). Uma vez que o desemprego é um dos principais indicadores do mercado de trabalho, estando relacionado com a trajetória da economia, se supõe que seria representativo para o efeito de período na distribuição entre as modalidades de transição escola-trabalho, pois também possui relação com o percentual de jovens sem-sem.

A Figura 2 ilustra essa relação para o Nordeste. Uma vez que estar ou não trabalhando é uma das características que define os jovens sem-sem, a taxa de desocupação pode explicar em parte o percentual que se registra para esses jovens, e isso pode ser notado pelas tendências similares que os indicadores apresentam. Após percentuais relativamente estáveis em torno de 22 % entre 1993 e 2008, volta a crescer nos dados mais recentes, chegando a abranger mais de 30 % do total de jovens de 15 a 34 anos em 2018. Ao mesmo tempo, a taxa de desocupação na região chega em 15,42 %, também representando o ponto máximo da série apresentada, e praticamente o dobro em relação ao momento imediatamente anterior.

No último intervalo, entre 2018 e 2023, ambos os indicadores apresentam decrescimento.

Figura 2. Taxa de desocupação e percentual de jovens sem-sem-Nordeste, 1993, 1998, 2003, 2008, 2013, 2018, 2023.



Fonte: Microdados da PNAD e PNADC.

Desse modo, a taxa de desocupação é um indicador que tem relação com a categoria em análise, como também guarda relação com o período. É importante reconhecer, contudo, que há efeitos do período, ou questões contextuais, não necessariamente relacionados ao âmbito econômico, o que implica em condições ambientais que a proxy adotada não contempla e que podem afetar as estimativas do modelo (Diógenes, 2022; Oliveira e Rios-Neto, 2004). Conforme apresentado anteriormente, as variáveis temporais no método APC são apenas representações para distintos processos que se dão via mecanismos complexos, podendo, portanto, envolver muitas variáveis desconhecidas. Assim, ao recorrer a uma estimativa direta, deve-se reconhecer que as medidas adotadas não captam todas as possíveis influências, constituindo uma desvantagem que se assume em lugar da dificuldade relativa ao problema de identificação.

Um outro aspecto metodológico a ser abordado é o uso do Modelo Logit Multinomial, que especifica a função de ligação do modelo como logística e a distribuição de probabilidade para a variável dependente como Multinomial (Guimarães e Rios-Neto, 2011; Oliveira, 2005), dado que se tem uma variável qualitativa e com mais de duas categorias.

As categorias serão referentes aos quatro perfis/modalidades de transição escola-trabalho, correspondentes às possibilidades de combinação entre os status educacional e ocupacional. Assim, tem-se: os jovens que somente estudam, como primeira categoria e situação de referência (Estudo); como segunda, os jovens sem-sem que encerraram os estudos e ainda não trabalham (Sem-sem); como terceira, os que continuam estudando e trabalham (Estudo e trabalho); e como quarta e última, os que completaram a transição escola-trabalho, pois encerraram os estudos e trabalham (Trabalho).

Com a variável resposta e as explicativas (Tabela 1) assim definidas, as bases de dados dos diferentes períodos são empilhadas, e ponderadas conforme os respectivos pesos. O período, dada a substituição pela taxa de desocupação, entra no modelo como variável contínua. Idade e coorte, por sua vez, são tratadas como categóricas, com a primeira categoria sendo a referência, isto é, a categoria em relação a qual os coeficientes para as demais são analisados. Tais coeficientes são inicialmente obtidos em termos de logaritmo das *odds ratio*, de modo que o seu exponencial indica as chances de pertencer a determinada categoria *j*, em relação à referência, considerando determinada característica.

Tabela 1. Estrutura dos dados para análise APC.

Grupo Etário	Período						
	1993	1998	2003	2008	2013	2018	2023
15-19	1974-1978	1979-1983	1984-1988	1989-1993	1994-1998	1999-2003	2004-2008
20-24	1969-1973	1974-1978	1979-1983	1984-1988	1989-1993	1994-1998	1999-2003
25-29	1964-1968	1969-1973	1974-1978	1979-1983	1984-1988	1989-1993	1994-1998
30-34	1959-1963	1964-1968	1969-1973	1974-1978	1979-1983	1984-1988	1989-1993

Fonte: Elaborado pelas autoras.

## Resultados e discussão

### *Efeitos de idade, período e coorte sobre as possibilidades de transição escola-trabalho para os jovens em geral*

Para uma apreciação inicial, constam na Tabela 2 algumas métricas de ajuste para as diferentes configurações de modelo. Em linhas gerais,

à medida que se acrescenta novas variáveis, aumenta-se a complexidade, que em contrapartida pode permitir que se alcance um melhor ajuste ou uma capacidade preditiva melhor. Nesse sentido, o -2LogLik e o BIC devem ser minimizados, em equilíbrio com um Pseudo-R<sup>2</sup> mais elevado.

No teste de razão de verossimilhança vinculado ao -2LogLik, o p=0,000 (Sig.) indica que todos os modelos finais, independentemente da configuração, ajustam-se significativamente melhor em relação ao modelo nulo (sem variáveis explicativas), apontando que todas as variáveis consideradas contribuem para a melhoria do modelo. O -2LogLik e o BIC resultaram em valores com grande distinção entre as diversas configurações do modelo, sendo baixos nos que continham apenas a idade ou a coorte, e mais elevados nos modelos parciais que traziam alguma combinação com o período ou sua proxy.

O objetivo é minimizar essas medidas (maximizar a função de verossimilhança, controlando a complexidade), contudo, os modelos parciais têm a suposição forte de que as variáveis temporais excluídas não influenciam o evento em estudo, além de que o período, embora associado a um -2LogLik e BIC mais elevados, é uma variável importante para a análise proposta, e integrou modelos completos com valores mais razoáveis dessas medidas, combinados a pseudoR<sup>2</sup> maiores.

Especificamente quanto ao pseudoR<sup>2</sup>, indicativo do desempenho preditivo do modelo, vê-se que a idade, entre as três variáveis temporais, parece contribuir mais para a compreensão da variável dependente, dado que os modelos parciais que incluem essa dimensão, unicamente ou combinada com o período ou a coorte, obtiveram um pseudoR<sup>2</sup> mais elevado. A medida cresceu mais quando o modelo completo foi aplicado a subgrupos específicos, por sexo, raça/cor, situação de domicílio e renda. Dentro de cada característica, o pseudoR<sup>2</sup> mostrou maior desempenho preditivo nos extremos do rendimento domiciliar (abaixo de 1/4 e acima de 3 salários mínimos per capita), no sexo masculino e no rural, que são analisadas adiante. Para a raça/cor, o desempenho preditivo, e também as razões de chance, mostraram pequenas distinções, o que indica efeitos com nível e padrão próximos.

Tabela 2. Medidas de ajuste dos modelos, jovens de 15 a 34 anos-Nordeste, 1993-2023.

Modelo	Casos	-2LogLik	Testes de razão de verossimilhança		BIC	PseudoR <sup>2</sup> Nagelkerke
			Chi-Square	Sig		
I	123.547.130	200	41.489.972	0,000	368	0,31
'P'	123.547.130	884.613	1.101.898	0,000	884.669	0,01
P	123.547.130	827.760	1.158.751	0,000	827.816	0,01
C	123.547.130	470	15.918.369	0,000	973	0,131
I'P'	123.547.130	2.130.243	43.265.745	0,000	2.130.467	0,321
IP	123.547.130	1.687.582	43.708.407	0,000	1.687.805	0,324
IC	123.547.130	897.544	44.498.444	0,000	898.215	0,329
'P'C	123.547.130	25.296.057	20.099.931	0,000	25.296.616	0,163
PC	123.547.130	2.613.371	42.782.618	0,000	2.613.930	0,318
I'P'C	123.547.130	730.249	44.665.739	0,000	730.976	0,33
I'P'C Masculino	61.218.638	412.855	25.168.669	0,000	413.554	0,373
I'P'C Feminino	62.328.492	350.295	21.338.559	0,000	350.995	0,314
I'P'C Branca	32.612.024	148.961	11.734.904	0,000	149.636	0,328
I'P'C Negra	90.221.309	608.140	32.942.815	0,000	608.854	0,333
I'P'C Urbano	89.536.494	317.728	33.086.385	0,000	318.442	0,335
I'P'C Rural	34.010.636	559.634	13.765.315	0,000	560.310	0,363
I'P'C RPcSm Até 1/4	27.626.887	347.025	12.371.532	0,000	347.693	0,393
I'P'C RPcSm Mais de 1/4 a 1/2	34.615.473	315.032	13.781.455	0,000	315.709	0,357
I'P'C RPcSm Mais de 1/2 a 1	32.815.434	163.240	11.527.556	0,000	163.915	0,324
I'P'C RPcSm Mais de 1 a 3	19.611.938	82.911	6.941.759	0,000	83.566	0,329
I'P'C RPcSm Mais 3	4.870.945	56.483	2.456.862	0,000	57.084	0,435

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PNAD de 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013, e PNADC de 2018 e 2023.

Além das métricas apresentadas na Tabela 2, é importante observar a significância estatística dos coeficientes em específico. Esta é indicada pelo teste de Wald, cujo p-valor (Sig.) menor que 0,05 informa que o coeficiente é estatisticamente diferente de zero, portanto, permite uma análise sobre o seu efeito. Esse foi o caso de praticamente todos os coeficientes que são apresentados nas tabelas e figuras a seguir, que trazem, primeiro, as estimativas resultantes da aplicação geral, e em seguida aquelas resultantes da aplicação segundo os recortes anteriormente mencionados. Para lembrar, três das modalidades de transição (Sem-sem, Estudo e trabalho e Trabalho) são analisadas em relação a modalidade que somente estuda, tomada como referência. De forma semelhante,

para as variáveis idade e coorte, que são categóricas, uma das categorias serve como referência para a análise das demais, sendo elas a faixa etária mais jovem e a faixa de coorte mais antiga.

Os resultados gerais quanto aos efeitos de idade, período e coorte sobre as modalidades de transição escola-trabalho são apresentadas na Tabela 3. Independentemente da modalidade, a idade é a variável temporal que mais afeta as chances de transição, multiplicando-as com o avanço da idade. Assim, aumentam as chances de se enquadrar em outras situações da transição escola-trabalho que não a de estudo, em um padrão coerente com o ciclo de vida dos indivíduos (Oliveira, 2005). Coorte e taxa de desocupação (proxy para período), por outro lado, têm razões de chance, em geral, inferiores à unidade, que significam efeitos redutivos sobre as chances de transição, isto é, em coortes ou períodos mais recentes são menores as chances de realizar as transições educacional e/ou ocupacional, relativamente às chances de permanência como estudante. Isso também está associado as tendências de institucionalização das idades mais jovens como idades de estudo e de extensão desse intervalo etário, em acordo com a crescente escolarização referenciada na literatura (Camarano e Mello, 2006; Mello, 2015; Oliveira, 2005; Vieira, 2009).

Tabela 3. Resultados do modelo, jovens de 15 a 34 anos-Nordeste, 1993-2023.

Variáveis/categorias explicativas	$\beta$	Std.Error	Sig.	Exp( $\beta$ )	IC 95% para Exp(B)	
					L. Inferior	L. Superior
<b>Modalidade de transição = Sem-Sem</b>						
Intercepto ( $\mu_2$ )	0,307	0,008	0,000			
TxDesoc	-0,003	0,000	0,000	0,997	0,997	0,997
FxIdade=30-34	3,467	0,002	0,000	32,030	31,925	32,135
FxIdade=25-29	2,979	0,001	0,000	19,670	19,622	19,717
FxIdade=20-24	1,970	0,001	0,000	7,171	7,160	7,183
FxIdade=15-19	0a					
FxCoorte=2004-2008	-1,551	0,008	0,000	0,212	0,209	0,215
FxCoorte=1999-2003	-1,311	0,008	0,000	0,270	0,266	0,274
FxCoorte=1994-1998	-1,382	0,008	0,000	0,251	0,247	0,255
FxCoorte=1989-1993	-1,337	0,008	0,000	0,263	0,259	0,267
FxCoorte=1984-1988	-1,325	0,008	0,000	0,266	0,262	0,270
FxCoorte=1979-1983	-1,256	0,008	0,000	0,285	0,280	0,289
FxCoorte=1974-1978	-0,971	0,008	0,000	0,379	0,373	0,384
FxCoorte=1969-1973	-1,120	0,008	0,000	0,326	0,321	0,331

Tabela 3. Contínuo

Variáveis/categorias explicativas	$\beta$	Std.Error	Sig.	Exp( $\beta$ )	IC 95% para Exp(B)	
					L. Inferior	L. Superior
FxCoorte=1964-1968	-0,700	0,008	0,000	0,497	0,489	0,505
FxCoorte=1959-1963	0a					
<b>Modalidade de transição = Estudo e trabalho</b>						
Intercepto ( $\mu_3$ )	-0,249	0,009	0,000			
TxDesoc	-0,032	0,000	0,000	0,969	0,968	0,969
FxIdade=30-34	1,773	0,002	0,000	5,886	5,865	5,908
FxIdade=25-29	1,462	0,001	0,000	4,313	4,301	4,325
FxIdade=20-24	0,936	0,001	0,000	2,549	2,544	2,554
FxIdade=15-19	0a					
FxCoorte=2004-2008	-1,431	0,009	0,000	0,239	0,235	0,243
FxCoorte=1999-2003	-0,996	0,009	0,000	0,369	0,363	0,376
FxCoorte=1994-1998	-0,669	0,009	0,000	0,512	0,503	0,521
FxCoorte=1989-1993	-0,417	0,009	0,000	0,659	0,648	0,670
FxCoorte=1984-1988	-0,220	0,009	0,000	0,802	0,789	0,816
FxCoorte=1979-1983	-0,122	0,009	0,000	0,885	0,871	0,901
FxCoorte=1974-1978	0,006	0,009	0,503	1,006	0,989	1,023
FxCoorte=1969-1973	-0,306	0,009	0,000	0,736	0,724	0,749
FxCoorte=1964-1968	-0,347	0,009	0,000	0,707	0,694	0,720
FxCoorte=1959-1963	0a					
<b>Modalidade de transição = Trabalho</b>						
Intercepto ( $\mu_4$ )	0,663	0,008	0,000			
TxDesoc	-0,044	0,000	0,000	0,957	0,956	0,957
FxIdade=30-34	4,297	0,002	0,000	73,452	73,215	73,689
FxIdade=25-29	3,668	0,001	0,000	39,190	39,097	39,283
FxIdade=20-24	2,393	0,001	0,000	10,945	10,928	10,962
FxIdade=15-19	0a					
FxCoorte=2004-2008	-2,231	0,008	0,000	0,107	0,106	0,109
FxCoorte=1999-2003	-1,656	0,008	0,000	0,191	0,188	0,194
FxCoorte=1994-1998	-1,565	0,008	0,000	0,209	0,206	0,212
FxCoorte=1989-1993	-1,383	0,008	0,000	0,251	0,247	0,255
FxCoorte=1984-1988	-1,262	0,008	0,000	0,283	0,279	0,287
FxCoorte=1979-1983	-1,168	0,008	0,000	0,311	0,306	0,316
FxCoorte=1974-1978	-0,830	0,008	0,000	0,436	0,430	0,443
FxCoorte=1969-1973	-1,040	0,008	0,000	0,353	0,348	0,359
FxCoorte=1964-1968	-0,675	0,008	0,000	0,509	0,501	0,517
FxCoorte=1959-1963	0a					

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PNAD de 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013, e PNADC de 2018 e 2023.

Nesse processo, as chances para figurar entre os sem-sem, modalidade coincidente com a realização apenas da transição educacional, também se multiplicam com a idade. Embora seja um passo da transição escola-trabalho, a permanência nessa situação pode ser prejudicial às trajetórias juvenis (Cacciamali e Tatei, 2017; Camarano et al., 2006; Cardoso, 2013; Rocha et al., 2020; Shirasu e Arraes, 2020; Silva, 2020). Estando no último grupo etário (30 a 34 anos), tem-se 31,925 vezes mais chance relativamente ao grupo mais jovem de referência (15 a 19) de ter realizado apenas a transição educacional, e passar a estar entre os sem-sem, caso em que o peso das condições no mercado de trabalho tende a ser maior. Por outro lado, em coortes mais jovens as chances para a modalidade sem-sem vem reduzindo em função da permanência na modalidade de estudo. Por exemplo, na coorte mais jovem, nascida entre 2004 e 2008, a chance é reduzida em 78,8 % ( $0,212-1 = -0,788$  ou  $-78,8\%$ ), o que significa que esses jovens, embora mostrem chances decrescentes para a transição ocupacional, também mostram chances menores para estar entre os sem-sem, porque permanecem como estudantes, adiando a mudança de status educacional.

A taxa de desocupação também tem efeito redutivo sobre as chances para a modalidade sem-sem, mas esse efeito é pequeno se comparado as demais modalidades. Cada ponto percentual a mais na taxa de desocupação reduz em 0,3 % as chances de estar entre os sem-sem, ao invés de estar entre os jovens que só estudam, ao passo que reduz em 3,1 % as chances para estudo e trabalho, e em 4,3 % as chances para trabalho.

Isso indica que são pequenas as diferenças nas chances de pertencer aos sem-sem ou aos jovens que só estudam (referência), em função da evolução da referida taxa ao longo do período em análise (1993-2023), sendo maior o efeito da taxa sobre as modalidades que incluem a transição ocupacional. No entanto, tanto o referencial teórico quanto a comparação entre as medidas de ajuste sugerem que há uma variedade de situações cujas características influenciam as chances de figurar na modalidade, o que atribui relevância a proposta de aplicação do modelo por recortes juvenis específicos, para visualizar como esse coeficiente se comporta nos modelos que trazem essas distinções.

Em síntese, as chances de realizar as transições educacional e/ou ocupacional no Nordeste são afetadas positivamente pela idade, mas se relacionam negativamente com a coorte e a taxa de desocupação.

A idade é a variável com efeito mais forte, e favorece especialmente a chance de mudança em ambos os status, levando à modalidade que somente trabalha. Mas também afeta em nível elevado as chances de tornar-se sem-sem, associado a realização apenas da transição educacional.

A coorte, por sua vez, mostra chances cada vez mais reduzidas de realizar tais transições, especialmente a ocupacional entre os jovens de coortes mais recentes, que se voltam mais para os estudos. E para isso contribui o efeito da taxa de desocupação, que especialmente nas modalidades relacionadas a realização da transição ocupacional (Trabalho e Estudo e trabalho), também indicou chances relativamente maiores para a permanência na modalidade de referência, como estudante.

Esses resultados estão de acordo com a literatura tanto do ponto de vista da dedicação em maior medida ao estudo, como também se associam ao referencial e evidências sobre as dificuldades crescentes no mercado de trabalho, tendo em vista as chances reduzidas para a mudança do status ocupacional em coortes e períodos mais recentes (Cacciamali e Tatei, 2017; Camarano e Mello, 2006; Mello, 2015; Pochmann, 2007; Silva e Lehfeld, 2019; Silva, 2020; Vieira, 2009).

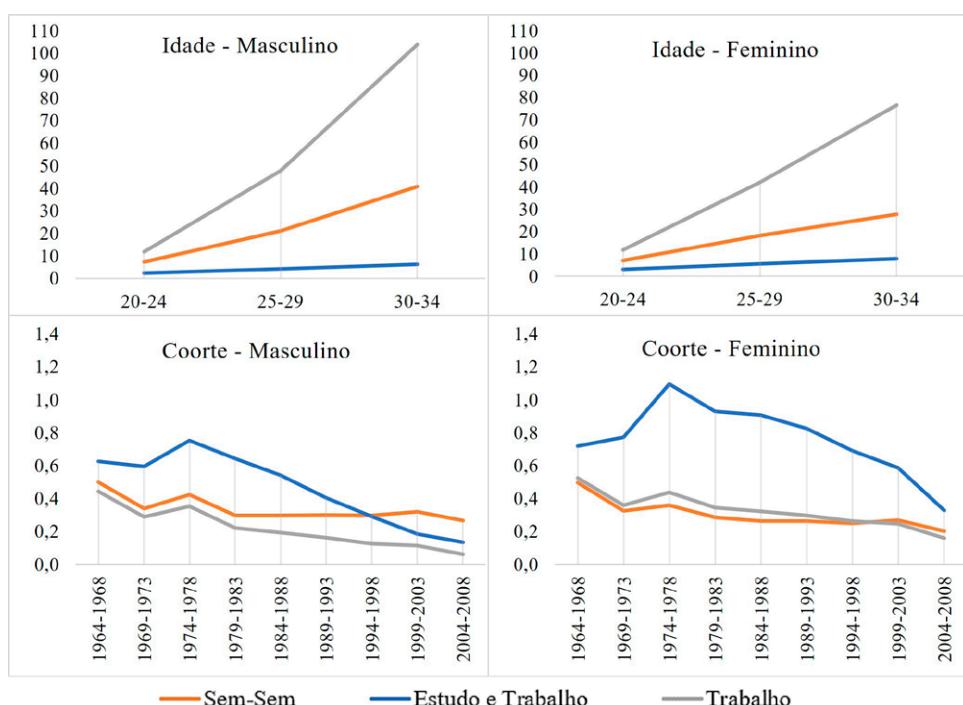
#### ***Efeitos de idade, período e coorte sobre as possibilidades de transição escola-trabalho para os jovens segundo sexo, situação de domicílio e renda***

Após a análise quanto aos jovens em geral, os resultados que se seguem derivam do intuito de visualizar como os coeficientes se comportam em relação ao sexo, situação de domicílio e faixas de rendimento per capita, para entender como essas características, cujos modelos se distinguiram mais, afetam as chances de transição escola-trabalho. Primeiro são apresentadas as tendências para os efeitos de idade e coorte segundo cada característica, e ao final é realizada a discussão sobre diferenciais quanto ao efeito de período.

Com o modelo para o sexo masculino e feminino separadamente (Figura 3), todos os coeficientes obtidos apresentaram significância estatística. O pseudoR<sup>2</sup> também mudou, aumentando para 37,3 % no modelo masculino, e decrescendo para 31,4 % no feminino (Tabela 2), o que aponta uma melhor assertividade no caso masculino, associado a efeitos mais fortes das variáveis temporais.

Disso resulta uma diferença principalmente de nível nos efeitos de idade e coorte segundo o sexo, registrando efeitos mais fortes sobre as transições masculinas. As transições masculinas mais marcadas pela inserção no mundo do trabalho levam a uma maior institucionalização e menor heterogeneidade relativamente às mulheres (Santos, Queiroz e Verona, 2021), o que justifica um efeito de idade mais forte. Por outro lado, nota-se menores chances de transição em função da idade no modelo para o feminino, o que reflete uma maior tendência para estar na situação de referência. Isso também pode ser notado no nível mais baixo das chances para a modalidade sem-sem, e mais alto para combinar estudo e trabalho, reforçando a ideia de heterogeneidade no início do curso de vida das jovens no Nordeste, pelas idades mais diversas para concluir os estudos ou ingressar no trabalho, que se misturam aos eventos familiares em idades mais jovens (Mello, 2015; Santos, Queiroz e Verona, 2021).

Figura 3. Efeitos de idade e coorte segundo o sexo, jovens de 15 a 34 anos-Nordeste, 1993-2023.



Nota: Gráficos apresentam  $\text{Exp}(\beta)$ .

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PNAD de 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013, e PNADC de 2018 e 2023.

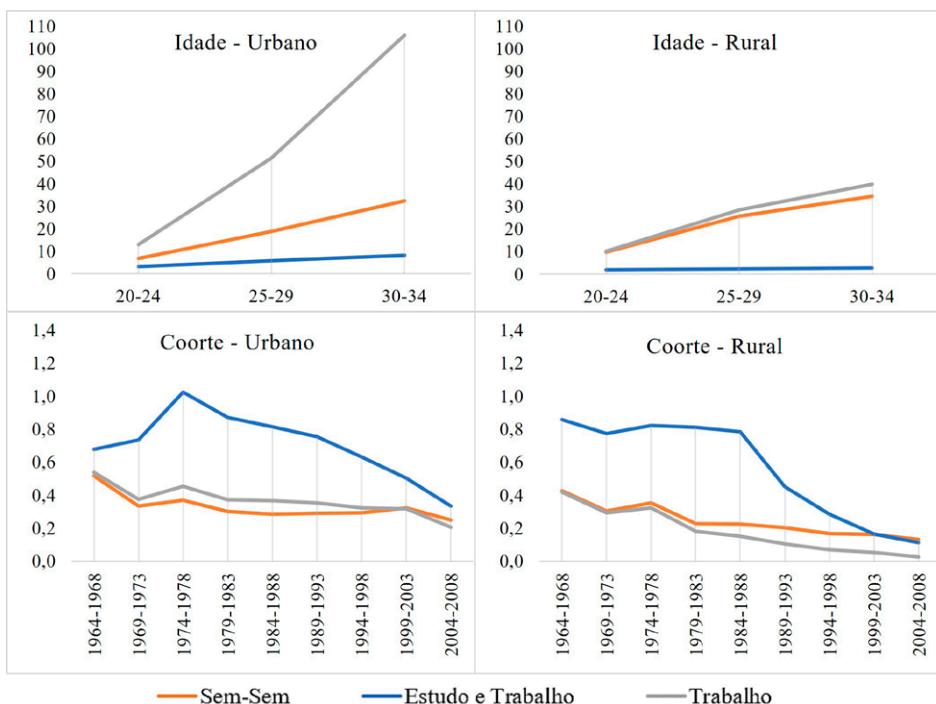
A análise do efeito de coorte acrescenta que embora a idade leve a realização das transições, coortes mais recentes têm essas chances reduzidas, em detrimento da presença crescente de jovens que somente estudam. Considerando o sexo, isso ocorre em maior medida para o masculino, refletindo maiores dificuldades para a mudança do status ocupacional, que permanece central para suas transições (Mello, 2015; Santos, Queiroz e Verona, 2021). Com isso, nas primeiras coortes do século XXI (1999-2003 e 2004-2008), esses jovens passam a figurar mais entre os sem-sem do que coortes anteriores. Por outro lado, as jovens permanecem, como as coortes anteriores, estudando (referência) ou combinando estudo e trabalho em maior medida, apesar da queda nas chances para essa última modalidade, sugerindo que a extensão dos anos de estudo e o consequente adiamento da transição educacional se somam a maior participação no mercado de trabalho (Mello, 2015; Rocha et al., 2020) para explicar sua participação decrescente entre os sem-sem na região.

Nos modelos por situação do domicílio, todos os coeficientes apresentaram significância estatística, e o pseudoR<sup>2</sup> cresceu para 36,3 % no rural e 33,5 % no urbano, em relação a 33,0 % do modelo geral, o que aponta diferenças nas chances de transição. A considerável elevação, com a idade, das chances de estar entre as três modalidades em lugar do estudo, destacando-se principalmente a de realização da transição escola-trabalho por completo (modalidade trabalho), é acentuada no urbano, mas aparece em um nível significativamente menor no rural (Figura 4). Neste último, especialmente as razões de chance associadas as modalidades com realização da transição ocupacional (trabalho e estudo e trabalho) são menores, ao passo que aquelas para a modalidade sem-sem são mais elevadas.

Tanto no urbano como no rural o efeito de coorte foi, em geral, negativo (exceção para a coorte de 1974-1978 na modalidade estudo e trabalho no urbano), ao situar-se abaixo de 1 e indicar redução das chances para as transições em relação a permanecer estudando. A tendência para o efeito ao longo das coortes é reduzir cada vez mais essas chances, especialmente das modalidades com transição ocupacional. Esse efeito redutivo tem maior intensidade no rural, de modo que em ambos os recortes há diferenças significativas entre coortes antigas e recentes, com a presença crescente de jovens estudantes, mas as chances para as

transições permanecem maiores entre as coortes de jovens no urbano. Isso encontra explicação nas possibilidades mais amplas principalmente de inclusão profissional (Oliveira, Golgher e Loureiro, 2016; Reguillo, 2013; Sánchez, Jiménez e Barbosa, 2014; Vieira, 2009), ao passo que os jovens no rural têm chances relativamente maiores para passar à modalidade sem-sem apóos os estudos.

Figura 4. Efeitos de idade e coorte segundo a situação do domicílio, jovens de 15 a 34 anos-Nordeste, 1993-2023.



Nota: Gráficos apresentam  $\text{Exp}(\beta)$ .

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PNAD de 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013, e PNADC de 2018 e 2023.

Uma última característica a ser considerada é o rendimento per capita (Figura 5). Quase todos os coeficientes apresentaram significância estatística, com exceção de apenas dois. Além disso, a distinção dos jovens por faixa de rendimento foi a que resultou em valores de pseudoR<sup>2</sup> mais elevados, especificamente nos modelos para o rendimento per capita mais alto (mais de 3 salários mínimos com 43,5 %) e o mais baixo (até 1/4 de salário mínimo com 39,3 %), o que significa que os modelos foram melhores nesses casos, em termos de capacidade preditiva quanto aos efeitos das variáveis temporais.

Uma primeira observação ao distinguir os jovens por rendimento é quanto a ordem das modalidades no efeito de idade. Nas faixas de rendimento a partir de 1/4 de salário mínimo per capita, a idade permanece afetando sobretudo a modalidade de realização de toda a transição escola-trabalho (Trabalho), seguida da modalidade sem-sem e, por fim, estudo e trabalho com coeficientes menores, conforme todos os modelos até então, apesar de diferenças de nível.

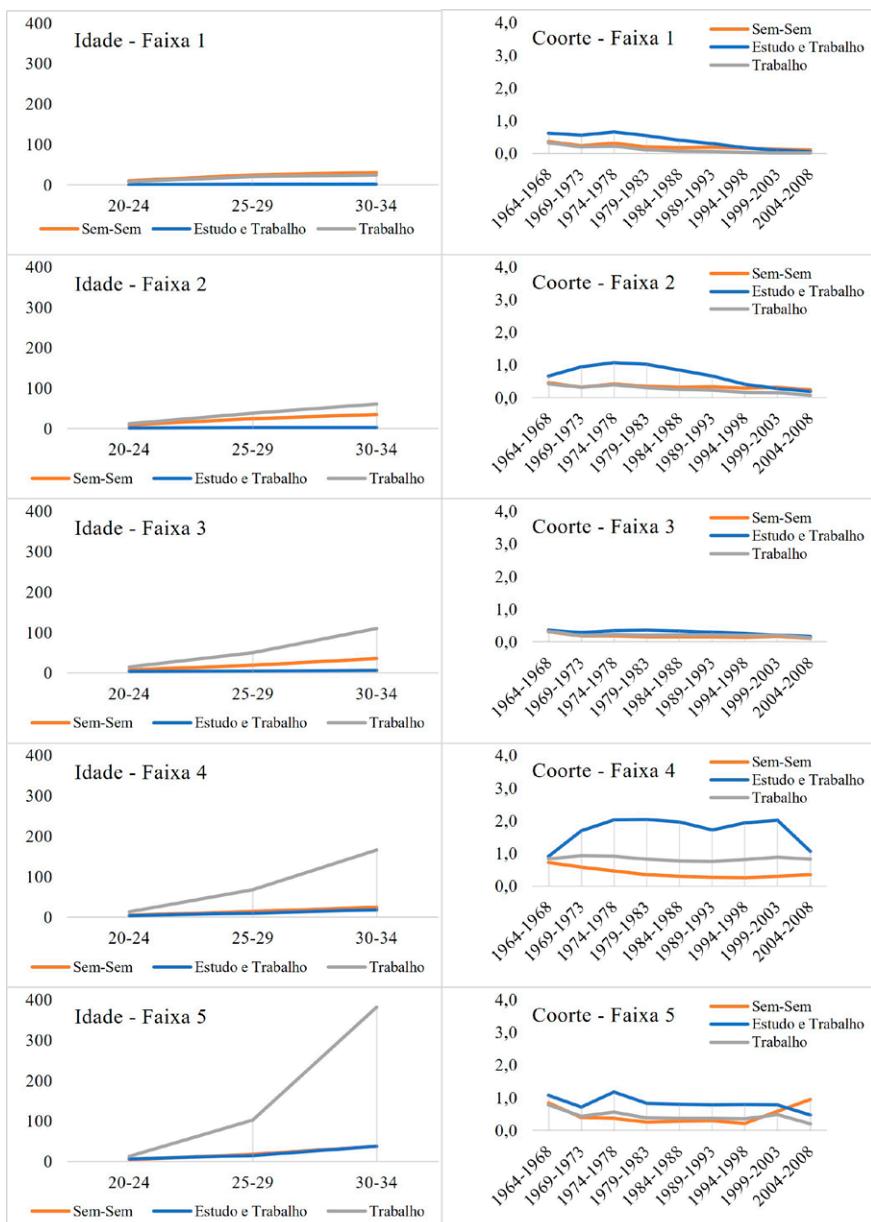
Contudo, são registradas distinções consideráveis por renda, que fazem com que, especificamente entre os jovens de famílias de menor rendimento (até 1/4 de salário mínimo per capita), essa ordem seja diferente. Nesse modelo, a idade tem maior efeito sobre a modalidade sem-sem, cujas razões de chance se situam acima da modalidade que caracteriza o processo de transição escola-trabalho completo (Trabalho). Mesmo entre 30 e 34 anos, relativamente a faixa de idade de referência, são 30 vezes maiores as chances de estar na modalidade sem-sem em vez da modalidade estudo (referência), enquanto as chances para trabalho se situam em 24,292.

O resultado mais próximo disso havia sido registrado no rural, e tem-se, assim como no rural, jovens que tendem a encerrar os estudos mais cedo, reforçando a vulnerabilidade, em termos de escolaridade e experiência, para empregar-se em piores condições (Cacciamali e Tatei, 2017; Mello, 2015; Shirasu e Arraes, 2020; Silva, 2020). Isso pode tornar a situação dos sem-sem mais recorrente, aumentando o desencorajamento e afetando em maior medida as transições masculinas, como também é um contexto em que se tem jovens sem-sem em uma condição mais duradoura, nesse caso com destaque para as transições femininas, em função da dedicação às atividades de cuidado e transição à vida adulta por outros eventos (Rocha et al., 2020; Silva e Vaz, 2020; Sousa, 2018).

O efeito de coorte, considerando as diferentes faixas de rendimento, foi em geral inferior a 1, indicando menores chances para as transições em relação à modalidade de referência (estudo), mas o nível e padrão para o efeito distinguiram diferentes tendências por coorte quanto transição escola-trabalho. Até 1/4 e entre 1/4 e 1/2 salário mínimo per capita, tem-se uma variação nas razões de chance ao longo das coortes muito semelhante ao que foi visto nos modelos para o sexo masculino e para o rural, com redução especialmente das chances para as modalidades associadas a

realização da transição ocupacional (trabalho e, notadamente, estudo com trabalho), mas não tanto para a realização da transição educacional.

Figura 5. Efeitos de idade e coorte segundo faixas de rendimento domiciliar per capita (em salários mínimos), jovens de 15 a 34 anos-Nordeste, 1993-2023.



Nota: Gráficos apresentam  $\text{Exp}(\beta)$ .

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PNAD de 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013, e PNADC de 2018 e 2023.

Assim, nas coortes mais jovens tem-se uma frequência crescente de dedicação aos estudos, cujo encerramento leva à modalidade sem-sem, dadas as chances menores para mudar seu status ocupacional. Com isso, se o efeito da idade, em contextos de menor renda, já indicava uma tendência à situação de sem-sem (Rocha et al., 2020; Silva e Vaz, 2020; Sousa, 2018), o efeito de coorte acrescenta que essa vulnerabilidade se aprofunda ao olhar para coortes mais recentes, apesar do volume crescente de jovens estudantes nesse contexto.

Nos modelos para as faixas seguintes, o padrão para o efeito de coorte difere do que foi visto até então, pois não se nota a predominância crescente de jovens estudantes que caracterizou a estrutura do efeito de coorte nos demais modelos por rendimento e em outras características, no entanto, há diferenças de nível entre elas. Na faixa de rendimento de mais de 1/2 até 1 salário mínimo per capita, as razões de chance se mostram baixas e próximas entre as três diferentes modalidades de transição. Então são jovens que se dedicam em maior medida aos estudos, independentemente da coorte a que pertencem, e com pouca distinção entre as chances para uma, outra ou ambas as transições. Já nas duas últimas faixas (mais de 1 a 3 e mais de 3 salários mínimos per capita), correspondentes aos rendimentos mais elevados, as razões de chance para as transições são mais elevadas e diferem entre as modalidades, caracterizando jovens que permanecem, mesmo em coortes mais jovens, mais distribuídos entre diferentes modalidades.

Isso ocorre especialmente entre 1 e 3 salários mínimos per capita, onde as chances para combinar estudo e trabalho superam a modalidade estudo, configurando uma exceção em que as chances de mudança no status ocupacional são relativamente elevadas. A possibilidade de adquirir mais escolaridade permite transições em melhores condições, ou mesmo a seletividade quanto a inserção junto a continuidade na qualificação. Portanto, com maior aderência a ideia de biografias de escolha no processo de transição para a vida adulta (Camarano e Mello, 2006; Leccardi, 2005; Mello, 2015; Pais, Cairns e Pappámikail, 2005), mas como algo que já caracterizava coortes anteriores. Já as possibilidades para os jovens de origem socioeconômica desfavorecida se tornam mais limitadas, de forma que, entre os aspectos que têm caracterizado as mudanças no processo de transição para a vida adulta, coube a estes participar mais da extensão da escolaridade (Camarano e Mello, 2006; Mello, 2015; Vieira, 2009).

Resumindo os achados, a idade, que tem o impacto mais forte sobre a transição escola-trabalho entre as três variáveis temporais, foi mais determinante para a modalidade trabalho, elevando as chances de completar a transição escola-trabalho no Nordeste, especialmente quando foram focalizados os jovens do sexo masculino, do meio urbano e, principalmente, os de rendimento mais elevado, com diferenças menores por raça/cor. Então, sendo do sexo feminino, do rural e tendo menores rendimentos, tem-se mais dificuldades para seguir esse roteiro etário esperado, elencando características que tornam os jovens mais vulneráveis à situação de sem-sem (Cacciamali e Hirata, 2005; Camarano et al., 2006; Cardoso, 2013; Garcia et al., 2012; Pereira e Queiroz, 2023a, 2023b; Remy e Vaz, 2017; Rocha et al., 2020; Silva e Vaz, 2020; Sposito, 2003), e que se aplicam a explicação de fragilidades no processo de transição escola-trabalho na região.

Olhando para a modalidade sem-sem, que também sofre impacto elevado e significativo da idade, as chances que se destacam são notadas em diferentes modelos dependendo da faixa etária. Entre 20 e 24 anos, as chances de estar na modalidade crescem mais entre os jovens com menor rendimento (até 1/4, 9,643), comparado aos modelos para outras características. Na faixa etária seguinte (25 a 29), os jovens do rural têm suas chances de estar entre os sem-sem multiplicadas por um fator maior (25,661), relativamente aos demais recortes. E dos 30 aos 34 anos, é entre os jovens do sexo masculino que se registra uma razão de chances mais elevada (40,588). Tendo elencado anteriormente jovens do sexo feminino, do rural e com menor rendimento como aqueles com maior vulnerabilidade no processo de transição escola-trabalho, isso complementa que o incentivo e meios para continuar estudando ainda constituem demandas ainda importantes entre os jovens mais pobres e do rural, que tendem a encerrar os estudos mais cedo (Mello, 2015; Vieira, 2009). Enquanto isso, as transições para as jovens poderiam se beneficiar mais de facilidades para o acesso ao trabalho, de modo que a transição ocupacional se fortaleça, cada vez mais, como uma opção, na esteira de sua participação já crescente no mercado de trabalho (Mello, 2015; Rocha et al., 2020).

A discussão quanto às distinções também é importante nos resultados para o efeito de coorte. As coortes mais jovens tendem a estar, cada vez mais, na modalidade de estudo, o que se contextualiza com chances

crescentemente reduzidas de realizar especialmente a transição ocupacional, como pode ser visto em praticamente todos os recortes. Em alguns casos, essa queda acentuada faz com que a modalidade sem-sem, cujas mudanças ao longo das coortes não foram igualmente acentuadas, apa-reça como aquela com maiores chances (dentre as três em análise) nas coortes mais jovens, a exemplo dos modelos para o sexo masculino, raça/cor branca, situação de domicílio rural e rendimento inferior a 1/2 salário mínimo. Assim, apesar de haver cada vez mais estudantes nas coortes mais recentes no Nordeste, especialmente para esses jovens, o encer-ramento dos estudos leva à modalidade sem-sem, devido as chances relativamente reduzidas de mudança no status ocupacional.

Por último, analisa-se o efeito de período nas possibilidades de transi-ção escola-trabalho, tendo como proxy a taxa de desocupação (Tabela 4). Como havia sido mencionado a partir do modelo geral, os diferentes recortes por características poderiam trazer variações no efeito da taxa sobre as chances para a modalidade sem-sem, uma vez que ela estivesse mais relacionada a uma ou outra característica, o que é confirmado nos resultados abaixo. Embora a maioria dos modelos indique que as chan-ces mais elevadas são de permanecer como estudante, dadas as razões de chance para qualquer das modalidades de transição frequentemente inferiores a 1, percebe-se diferenças de intensidade para o efeito, além de algumas exceções importantes, que se somam aos resultados para os efeitos de idade coorte no destaque de alguns perfis de jovens com maior vulnerabilidade para a realização das transições.

Para a transição educacional, que a princípio leva à modalidade sem-sem, verifica-se efeito positivo da taxa de desocupação para os jovens do rural, com rendimento domiciliar per capita até 1/4 de salário mínimo e do sexo masculino. Entre os primeiros, a tendência de crescimento na taxa de desocupação, associada a evolução de período, eleva as chances de estar na modalidade sem-sem, ao invés da modalidade de estudo, em 3,5 %, a cada ponto percentual a mais na referida taxa. Para os jovens na faixa de menor rendimento, as chances aumentam em 2,6 %, e para o sexo masculino em 0,7 %.

Então, nessas situações juvenis específicas, a modalidade sem-sem se coloca como aquela com mais chances de ocorrer, inclusive em relação à de referência, em função do aumento na taxa de desocupação. No outro

extremo, com chances reduzidas de estar entre os sem-sem, mesmo com a tendência crescente na taxa de desocupação, estão os jovens com rendimentos mais elevados, e os que residem no urbano, o que pode estar associado a maiores possibilidades para se manter estudando. Na faixa de mais de 3 salários mínimos, são 11,3 % menores as chances de estar entre os sem-sem, em relação a estar estudando. Para estes, serão maiores as chances de estar na modalidade de referência ou permanecer estudando mesmo tendo mudado seu status ocupacional.

Desse modo, o aumento na taxa de desocupação eleva as chances de ser sem-sem justamente entre os jovens que tendem a encerrar os estudos mais cedo, para os quais uma escolaridade mais baixa e a falta de oportunidades no mercado de trabalho podem levar a maiores chances de estagnação. Isso também pode decorrer da recorrência na modalidade, já que especialmente os jovens de famílias mais pobres podem ser compelidos a não dispensar as oportunidades que surgem, e aceitar os meios à disposição para inserção, sujeitos a maior rotatividade. Em contraste estariam os jovens de famílias de melhor condição socioeconômica, cuja inatividade pode ter o significado de liberdade para explorar a vida, uma vez que têm menos chances para estar entre os sem-sem (Camarano e Mello, 2006; Mascherini, 2019; Reguillo, 2013; Sánchez, Jiménez e Barbosa, 2014; Vieira, 2009).

Tabela 4. Efeito de período segundo características selecionadas  
-jovens de 15 a 34 anos -Nordeste, 1993-2023.

Modelo	Sem-Sem	Estudo e Trabalho	Trabalho
Geral	0,997*	0,969*	0,957*
Masculino	1,007*	0,973*	0,944*
Feminino	0,994*	0,961*	0,965*
Branca	0,992*	0,979*	0,952*
Negra	0,997*	0,965*	0,957*
Urbano	0,983*	0,971*	0,950*
Rural	1,035*	0,950*	0,974*
Até 1/4 SM	1,026*	0,991*	1,024*
Mais de 1/4 a 1/2 SM	0,993*	0,976*	0,968*
Mais de 1/2 a 1 SM	0,973*	0,963*	0,942*
Mais de 1 a 3 SM	0,963*	0,952*	0,931*
Mais de 3 SM	0,887*	0,971*	0,920*

Nota: Tabela apresenta  $\text{Exp}(\beta)$ . O indicador '\*' denota a significância estatística.

Fonte: Elaborado a partir dos microdados da PNAD de 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013, e PNADC de 2018 e 2023.

Os resultados para as outras duas modalidades, nesse caso vinculadas à transição ocupacional, também ressaltam os diferenciais por situação de domicílio e rendimento. Especificamente sobre as chances de completar a transição escola-trabalho (modalidade trabalho), são registradas diferenças mais amplas nos resultados por rendimento. Os jovens de rendimento mais baixo (até 1/4 de salário mínimo) registram razão de chances superior a unidade, indicando que as chances de realizar a transição escola-trabalho crescem com o aumento da desocupação. À medida em que os rendimentos se tornam maiores, o efeito da taxa de desocupação passa a ser redutivo e mais forte, chegando a diminuir em 8 % as chances de completar a transição no caso dos jovens com mais de 3 salários mínimos per capita, os quais terão mais chances de permanecer estudando.

Esse resultado, junto a idade e a coorte indicando chances elevadas para a modalidade sem-sem, inclui os jovens de menor rendimento no Nordeste dentro do que Reguillo (2013) categoriza como circuito dos assimilados, referente aos jovens que aceitam as condições do mercado flexível como mecanismo ao seu alcance para a incorporação, semelhante ao que é colocado por Camarano e Mello (2006) no contexto do Brasil, sobre serem jovens menos propensos a dispensar oportunidades. Isso, no entanto, pode favorecer a recorrência na situação de sem-sem, dificultando trajetórias ocupacionais com ascensão social via trabalho decente (Pochman, 2007).

Em linhas gerais, a análise dos efeitos de idade, período (taxa de desocupação) e coorte sobre as modalidades de transição escola-trabalho permitiu identificar para as juventudes no Nordeste aspectos importantes da discussão sobre as transformações no processo de transição à vida adulta, ao ratificar a tendência de extensão da escolaridade e evidenciar as dificuldades crescentes no mercado de trabalho.

Apesar do efeito da taxa de desocupação se mostrar mais restrito, as razões de chance se associam a variação de cada ponto percentual na taxa, evidenciando, conforme o objetivo do artigo, que o contexto do mercado de trabalho contribui para a configuração da modalidade de transição sem-sem na região, ao focalizar situações juvenis específicas, como os jovens do rural, de domicílios com baixo rendimento e do sexo masculino, enquanto as demais características corroboram mais a tendência quanto ao estabelecimento de uma juventude estudante.

## Considerações finais

O presente artigo buscou analisar os jovens sem estudo e sem trabalho contextualizados nas mudanças na transição para a vida adulta, na passagem do século XX para o XXI, a partir da identificação dos efeitos de idade, período e coorte sobre as modalidades de transição escola-trabalho. O objetivo foi evidenciar se o mercado de trabalho, através do efeito de período, tem contribuído para a configuração dessas modalidades de transição no Nordeste, com destaque para os jovens sem-sem.

Na análise dos efeitos de idade, período e coorte sobre as modalidades de transição escola-trabalho, os indicadores de ajuste do modelo, além de ajudar a qualificar a análise, já sinalizaram que considerar características como sexo, raça/cor, situação de domicílio e renda seria importante para discutir os efeitos das variáveis temporais. Em linhas gerais, pode-se dizer que a idade leva a realização das transições, enquanto as tendências por coorte e período, este último lido a partir da taxa de desocupação, têm estado mais associadas a permanência como estudante, sem mudança nos status socioeconômicos. Mas, como mencionado, muitos diferenciais surgem nesse resultado com a aplicação do modelo a recortes juvenis mais específicos.

A idade, dentre as três variáveis temporais, teve o impacto mais forte sobre a transição escola-trabalho, e mostrou que, além de oportunidades para educação e trabalho, outras necessidades se impõem às trajetórias dos jovens. O efeito de idade mostrou que aqueles com menores rendimentos, do meio rural e do sexo feminino têm mais dificuldades para seguir o roteiro etário esperado, tendo em vista as chances relativamente menores para as modalidades do processo que incluem a mudança do status ocupacional, e dado o contexto de transições aceleradas pela necessidade ou imposição de papéis sociais de gênero, acabam com mais chances para integrar os sem-sem no Nordeste.

Quanto ao efeito de coorte, embora a diminuição das chances de estar trabalhando também possa fundamentar a ideia de desinteresse por parte de coortes mais jovens, isso se dá em conjunto com maiores chances de que estejam/permaneçam estudando, além de que o comportamento dos coeficientes por características mostrou sua associação com características que denotam vulnerabilidades e limitações no campo de possibilidades. Nesse sentido, apesar de haver cada vez mais estudantes

nas coortes mais recentes, o encerramento dos estudos leva à modalidade sem-sem, dadas as reduzidas chances de mudar o status ocupacional, notadamente nos casos do sexo masculino, de jovens em domicílios com baixo rendimento e de residentes no rural, perfis que, inclusive, tendem a buscar a inserção laboral mais precocemente. Ademais, os resultados também não evidenciam que haja uma tendência clara de aumento dos sem-sem em coortes mais recentes.

Para a última variável temporal, que é o período, a maioria dos modelos reforçou que as chances maiores são de permanecer como estudante, que pode ser uma estratégia diante do contexto de aumento na taxa de desocupação. Foi possível mostrar que o contexto das últimas décadas, focalizando o mercado de trabalho pela proxy escolhida, tem contribuído na redução das chances para realizar a transição ocupacional, especialmente para completar a transição escola-trabalho. E no que se refere aos jovens sem-sem, foi possível responder ao objetivo colocado, que era evidenciar se o mercado de trabalho, associado ao efeito de período, afetava a configuração dessa modalidade de transição. Esse achado, contudo, não foi generalizado para todos os jovens no Nordeste, mas se junta aos resultados para as outras variáveis temporais ao apontar grandes vulnerabilidades dos jovens sem-sem na região, referentes a desigualdades que desfavorecem, principalmente, os jovens do rural e de domicílios pobres, em seu processo de transição para a vida adulta.

Assim, os resultados encontrados alinharam-se à produção que se tem sobre o tema, ao destacar aspectos socioeconômicos que permanecem relevantes para o estudo dos jovens sem-sem, e também se mostram relevantes para a compreensão das juventudes em seu processo de transição para a vida adulta. Essa perspectiva ampliada, de adoção mais recente no Brasil, permite uma abordagem multidimensional no estudo das juventudes junto a compreensão de transformações sociais, potencializada neste artigo pela escolha metodológica de considerar diferentes dimensões demográficas que interagem com o curso de vida.

Espera-se ter contribuído para ressaltar a aproximação da condição com o componente trabalho, em seus aspectos estrutural e conjuntural, os quais podem dificultar, de forma desigual, tanto a integração ao mercado de trabalho quanto a emancipação do indivíduo, especialmente diante das transformações à transição para a vida adulta.

Nesse contexto, programas voltados à permanência escolar, qualificação profissional e/ou inclusão produtiva, especialmente para jovens mulheres de baixa renda com filhos, são estratégias fundamentais para mitigar a incidência da condição de sem-sem. Programas como o Projovem, o Pronatec e iniciativas de educação integral podem ser requalificados para responder melhor às demandas das juventudes rurais e periféricas. Ademais, ações voltadas à ampliação do acesso ao ensino superior, bem como políticas habitacionais e de proteção social pensadas para as juventudes considerando a diversidade de situações e experiências juvenis, podem atenuar os efeitos de trajetórias de vulnerabilidade e possibilitar a transição segura à vida adulta.

As principais limitações que acompanham os achados deste artigo são inerentes a metodologia adotada, uma vez que não há consenso sobre a melhor maneira de lidar com o problema de identificação dos efeitos. Isso implica na necessidade de escolhas metodológicas, como a substituição do período por uma medida direta no modelo. Assim, embora a taxa de desocupação esteja relacionada aos eventos analisados e às flutuações temporais, é importante ressaltar que ela não captura todas as questões contextuais. Por outro lado, o uso do método para a análise de um conjunto de modalidades de transição, considerando ainda diferentes recortes juvenis, traz uma riqueza de detalhes que torna interessante a aplicação a outros eventos no processo de transição.

## Referências

- Abramo, H. W. (2005). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In Abramo, H. W. e Branco, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira–análises de uma pesquisa nacional* (pp. 37-72). São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo.
- Bell, A. e Jones, K. (2014). Another ‘futile quest’? A simulation study of Yang and Land’s Hierarchical Age-Period-Cohort model. *Demographic Research*, 30, 333-360. <https://www.demographic-research.org/volumes/vol30/11/30-11.pdf>
- Bercovich, A. (2004). *Onda jovem, mercado de trabalho e violência: um enfoque demográfico*. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2004.330417>

- Cacciamali, M. C. e Hirata, G. I. (2005). A Influência da Raça e do Gênero nas Oportunidades de Obtenção de Renda—Uma Análise da Discriminação em Mercados de Trabalho Distintos: Bahia e São Paulo. *Estudos Econômicos*, 35(4), 767-795. <https://doi.org/10.1590/S0101-41612005000400007>
- Cacciamali, M. C. e Tatei, F. (2017). Impacto do desemprego e da informalidade sobre a empregabilidade e a renda futura do jovem. *Boletim Regional, Urbano e Ambiental (IPEA)*, 16, 57-70. <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/c2671a8d-9ee0-49ae-96a4-1a1f964e6bd3/content>
- Camarano, A. A., Kanso, S., Mello, J. L. e Andrade, A. (2006). Estão fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? In Camarano, A. A. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* (pp. 259-290). Rio de Janeiro: IPEA. [https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo\\_9\\_transicoesjoevens.pdf](https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo_9_transicoesjoevens.pdf)
- Camarano, A. A., Kanso, S. e Mello, J. L. (2006). Transição para a vida adulta: mudanças por período e coorte. In Camarano, A. A. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* (pp. 95-135). Rio de Janeiro: IPEA. [https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo\\_4.\\_transicaopara\\_vida.pdf](https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo_4._transicaopara_vida.pdf)
- Camarano, A. A. e Mello, J. L. (2006). Introdução. In Camarano, A. A. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* (pp. 13-28). Rio de Janeiro: IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/99879ddb-6003-462d-9fa1-7fd1odd0215f/content>
- Cardoso, A. (2013). Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *Caderno CRH (UFBA. Impresso)*, 26(68), 293-314. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792013000200006>
- Corseuil, C. H. e Franca, M. (2022). Capítulo 16 - Inserção dos Jovens no Mercado de Trabalho em Tempos de Crise. In Silva, S. P., Corseuil, C. H. L. e Costa, J. S. M. *Impactos da pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho e na distribuição de renda no Brasil* (pp. 355-367). Brasília: IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstreams/71b04e16-5893-48f4-990d-a6996d63d396/download>
- Diógenes, V. H. D. (2022). *Efeitos de idade, período e coorte no consumo de energia elétrica dos domicílios brasileiros no século XXI: uma análise sob a perspectiva da relação população-consumo-ambiente*. Tese (Doutorado)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Demografia. Natal. <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/95161aa9-7f4b-40ea-b601-bbe0a330e582/content>

- Fosse, E. e Winship, C. (2019). Analyzing Age-Period-Cohort Data: A Review and Critique. *Annual Review of Sociology*, 45, 1-26. <https://www.annualreviews.org/docserver/fulltext/soc/45/1/annurev-soc-073018-022616.pdf?expires=1753121344&id=id&accname=guest&checksum=24F92852B05FE6F4E983BB794F810CDO>
- Garcia, M. F., Araújo, E. C., Araújo, E. L. e Faustino, I. A. (2012). A Condição do Jovem no Mercado de Trabalho Brasileiro: uma análise comparativa entre o emprego e o primeiro emprego (1999-2009). *Revista ANPEC*, 13, 481-506. [https://www.anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3ap481\\_506.pdf](https://www.anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3ap481_506.pdf)
- Guimarães, R. R. M. e Rios-Neto, E. L. G. (2011). Comparação entre metodologias de idade-período-coorte para o estudo de uma medida da progressão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 28(2), 349-367. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982011000200007>
- Hajdu, G. e Sik, E. (2019). Are the work values of the younger generations changing? In O'Reilly, J. et al. (Eds.). *Youth labor in transition: inequalities, mobility and policies in Europe* (pp. 626-659). New York: Oxford Scholarship. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190864798.003.0021>
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2023*. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102052.pdf>
- Leccardi, C. (2005). Facing uncertainty-Temporality and biographies in the new century. *Young - Nordic Journal of Youth Research*, 13(2), 123-146. <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/1103308805051317>
- Mascherini, M. (2019). Origins and future of the concept of NEETs in the European policy agenda. In O'Reilly, J. et al. (Eds.). *Youth labor in transition: inequalities, mobility and policies in Europe* (pp. 503-529). New York: Oxford Scholarship. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190864798.003.0017>
- Mello, J. L. (2015). *Jovens em mudança: padronização e despadronização da transição para a vida adulta no Brasil*. Tese (Doutorado)-Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos. Rio de Janeiro. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/15499/1/teseJuliana%20Leitao.pdf>
- Oliveira, A. M. H. C. e Rios-Neto, E. L. G. (2004). Modelos idade-período-coorte aplicados à participação na força de trabalho. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 21(1), 21-47. [https://www.rebepl.org.br/revista/article/view/280/pdf\\_261](https://www.rebepl.org.br/revista/article/view/280/pdf_261)

- Oliveira, E. L. (2005). *Transições: três aplicações a partir de dados das pesquisas domiciliares no Brasil*. Tese (doutorado)-Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional-Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MCCR-6W9HQU/1/elzira\\_l\\_cia\\_de\\_oliveira.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MCCR-6W9HQU/1/elzira_l_cia_de_oliveira.pdf)
- Oliveira, T. D., Golher, A. B. e Loureiro, P. M. (2016). Trajetórias de local de moradia, estudo e trabalho dos jovens brasileiros entre 2003 e 2011: uma análise de entropia. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 33(1), 31-52. <https://doi.org/10.20947/S0102-309820160003>
- Pais, J. M., Cairns, D. e Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus—retrato da diversidade. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 17(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200006>
- Pereira, A. J. S. e Queiroz, S. N. (2023a). Geração que nem estuda nem trabalha no Nordeste brasileiro. *Revista Econômica Do Nordeste*, 54(1), 67-86. <https://www.bnb.gov.br/revista/ren/article/view/1361/965>
- Pereira, A. J. S. e Queiroz, S. N. (2023b). Quem são os jovens ‘nem nem’ na Região Metropolitana de Fortaleza. *Revista da ABET*, 22(1). <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/53125/37459>
- Pochmann, M. (2007). *Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos*. São Paulo. <https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/situac3a7c3a3o-do-jovem-no-mercado-de-trabalho-marcio-pochman.pdf>
- Reguillo, R. (2013). Jóvenes en la encrucijada contemporánea: en busca de un relato de futuro. *Debate Feminista*, 48. <https://www.elsevier.es/es-revista-debate-feminista-378-pdf-S0188947816300925>
- Remy, M. A. P. A. e Vaz, D. V. (2017). Fora da escola e do mercado de trabalho: o jovem “nem-nem” no Estado do Rio de Janeiro. *Revista da ABET*, 16(2). <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/37801/19132>
- Rocha, E., Costa, J., Silva, C. B., Posthuma, A. e Caruso, L. A. (2020). Diferentes vulnerabilidades dos jovens que estão sem trabalhar e sem estudar. Dossiê juventude e trabalho. *Novos Estudos CEBRAP*, 39(3), 545-562. <https://doi.org/10.25091/S01013300202000030005>
- Sánchez, D., Jiménez, C. S. e Barbosa, Y. R. S. (2014). Juventudes rurais: oportunidades para a construção de novos projetos sociais na América Latina. In Labrea, V. V. e Vommaro, P. (Org.). *Juventude, participação e desenvolvimento social na América Latina e Caribe* (pp. 85-102). Escola Regional Most/Unesco Brasil. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude; São Paulo: Conselho

- Latino-americano de Ciências Sociais. [https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/65/1/SNJ\\_juventude\\_participacao\\_2014.pdf](https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/65/1/SNJ_juventude_participacao_2014.pdf)
- Santos, G. P. G., Andrade, F. R. B. e Macambira, J. (2016). Juventudes na sociedade contemporânea: uma discussão sobre políticas públicas e mercado de trabalho. In Macambira, J., Araújo, T. P. e Lima, R. A. *Mercado de trabalho: qualificação, emprego e políticas sociais* (pp. 159-173). Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (IDT). [https://www.idt.org.br/content/arquivos/publicacoes/011\\_Mercado\\_Trabalho\\_Qualificacao\\_Emprego\\_Politicas\\_Sociais.pdf](https://www.idt.org.br/content/arquivos/publicacoes/011_Mercado_Trabalho_Qualificacao_Emprego_Politicas_Sociais.pdf)
- Santos, M. M., Queiroz, B. L. e Verona, A. P. A. (2021). Transition to adulthood in Latin America: 1960s-2010s. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 38, 1-11. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0161>
- Shirasu, M. R. e Arraes, R. A. (2020). Avaliação dos custos econômicos associados aos jovens nem-nem no Brasil. *Brazilian Journal of Political Economy*, 40(1), 161-182. <https://doi.org/10.1590/0101-31572020-2902>
- Silva, A. P. e Lehfeld, N. A. S. (2019). Trabalho e juventude no contexto contemporâneo: reflexões introdutórias. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, 43, 1-20. <https://revistas.ufg.br/revfd/article/view/58801/34522>
- Silva, E. R. A. e Vaz, F. M. (2020). Os Jovens que Não Trabalham e Não Estudam no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. In IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Mercado de trabalho: conjuntura e análise* (pp. 105-121). Brasília: Ipea. <https://repositorio.ipea.gov.br/items/1074702c-0b74-4a87-9d44-380fb8c090ac>
- Sousa, M. F. (2018). *Uma investigação comparativa sobre os jovens que não estudam e não trabalham no Brasil e em 36 países: características estruturais e conjunturais observadas no período 2001-2016*. Dissertação (mestrado)-Escola Nacional de Ciências Estatísticas.Rio de Janeiro.[https://ence.ibge.gov.br/images/ence/doc/mestrado/dissertacoes/2018/Dissertacao\\_MarcosFilgueiras\\_2018.pdf](https://ence.ibge.gov.br/images/ence/doc/mestrado/dissertacoes/2018/Dissertacao_MarcosFilgueiras_2018.pdf)
- Silva, N. B. S. (2020). *Efeitos demográficos e educacionais no desemprego jovem das Regiões Metropolitanas do Brasil*. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. Belo Horizonte. <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/35122/1/Efeitos%20demogr%C3%A1ficos%20e%20educacionais%20no%20desemprego%20jovem%20das%20Regi%C3%B5es%20Metropolitanas%20do%20Brasil%20-%20Nath%C3%A1lia%20Barbosa%20Souza%20e%20Silva.pdf>

- Sposito, M. P. (2005). Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In Abramo, H. W. e Branco, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira–análises de uma pesquisa nacional* (pp. 87-127). São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo.
- Sposito, M. P. (2003). Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa. [http://www.bdae.org.br/bitstream/123456789/2345/1/Jovens\\_Brasil.pdf](http://www.bdae.org.br/bitstream/123456789/2345/1/Jovens_Brasil.pdf)
- Tavares, M. A. (2017). Um olhar para a Sociologia da Juventude a partir dos conceitos de geração e moratória social. In Silva, T. A. A. (Org). *As juventudes e seus diferentes sujeitos* (pp. 21-43). Recife: EDUFRPE. [https://www.researchgate.net/publication/354707008\\_As\\_Juventudes\\_e\\_seus\\_diferentes\\_sujeitos#fullTextFileContent](https://www.researchgate.net/publication/354707008_As_Juventudes_e_seus_diferentes_sujeitos#fullTextFileContent)
- Vaz, B. O. E. e Barreira, T. C. (2021). Metodologia de retropulação da pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua de 1992 a 2012. *Estudos Econômicos*, 51(4). <https://doi.org/10.1590/1980-53575145botc>
- Vieira, J. M. (2009). *Transição para a vida adulta em São Paulo: cenários e tendências sócio-demográficas*. Tese (doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2009.441848>